



Estado de crise e declarações críticas em Educação Matemática



CELI ESPASANDIN LOPES

UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
SBEM EM REDE COLABORATIVA – TRIÊNIO 2016-2019**

**IX ENCONTRO PARAIBANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
CAMPINA GRANDE**

NOVEMBRO - 2016

Vamos usar a matemática como exemplo



- O que queremos de nosso aluno quando ensinamos matemática?
- Um aluno me diz que ele odeia a matemática. *Ah! eu penso. Aqui está o problema! Preciso ajudar esse pobre menino a amar a matemática, e com isso ele vai melhorar.*
- O que estou fazendo quando procedo assim? Não estou tentando entender a realidade do outro como uma possibilidade para mim. Nem sequer perguntei: *Como deve se sentir aquele que odeia a matemática?* Ao invés disso, projeto a minha realidade sobre o aluno e digo, *Você estará bem se você aprender a amar a matemática...* Fazer com que ele venha a amar a matemática parece um objetivo nobre.
- E é de fato, se for colocado ao aluno como uma possibilidade que ele contempla ao me observar e observar os outros; mas deve também entender que não estarei desapontada com ele, nem comigo mesma, se ele continuar indiferente à matemática. É uma possibilidade que pode não se realizar.

- O importante, se eu me preocupo com ele, é que ele encontre a razão, aceitável e convincente para ele mesmo, para aprender a matemática exigida dele ou que a rejeite com firmeza e honestidade.
- Como me sentiria se odiasse a matemática? Quais seriam os motivos que me levariam a aprendê-la? Quando penso desta forma, me recuso a criar estímulos para pressioná-lo a aprender. Ele terá que encontrar o seu próprio incentivo.
- Não devo tentar deslumbrá-lo com atuações criadas para intrigá-lo ou mudar sua atitude.
- Eu começo, o quanto for possível, com a sua percepção: A matemática é chata, confusa, amedronta, é entediante, enfadonha, maçanteO que neste mundo poderia me incentivar a investir emocionalmente nela? A partir deste momento, nós passamos a compartilhar as dificuldades colaborando para superá-las.

Para que aperfeiçoarmos nossa prática docente?



- Para reverter a ordem social devemos criar um ambiente de sala de aula que sirva de exemplo das possibilidades para o relacionamento humano – onde o normal seja o respeito, a solidariedade, e a colaboração criando nas crianças uma imagem de um mundo com respeito e dignidade de vida para todos.

Pela insubordinação criativa



- Necessitamos incentivar professores a serem insubordinados ao se comprometerem a criar ambientes educacionais em que apoiam e potencializam o desenvolvimento de cada criança como um ser viável, vibrante, criativo, moral, responsável, confiante, colaborativo, capaz de amar e que se preocupa com o bem estar e a dignidade de todos à sua volta.
(Beatriz D'Ambrosio, 2015)

Pedagogia da Solidariedade

Paulo Freire



- Não há educação sem ética.
- Educação é formação e não treinamento.
- Somos seres inconclusos, o que nos possibilita a maravilhosa aventura, que é a educação de todos e todas nós seres humanos.
- Aventura é a busca do conhecimento ainda desconhecido, do que pode ser e ainda não é, mas pode ser diferente, do que pode ser melhorado, aprofundado.
- Aventura é momento de curiosidade espontânea, que vai se fazendo epistemológica, da educação criadora, da ousadia libertadora, da formação da cidadania e da autonomia.

Pedagogia da Solidariedade



Uma educação humanizante é o caminho através do qual homens e mulheres podem tornar-se conscientes acerca de sua presença no mundo – a maneira como eles agem e pensam quando desenvolvem todas as suas capacidades, considerando suas necessidades, mas também as necessidades e aspirações de outros.

Equidade e Justiça Social



- Uma sociedade com equidade e justiça social começa na sala de aula.
- A sala de aula de hoje é um espelho da sociedade como um todo, com todos os seus males— com a opressão dos alunos, com relações de poder que dividem e diferenciam os alunos, com procedimentos de avaliação que angustiam os alunos e os distinguem dos outros – servindo de mecanismo que determina que alguns terão poder e outros serão oprimidos.

Diretos humanos



- Com isso potencializamos que surja uma geração empoderada e capaz de colaborar para criar um mundo em que todo cidadão tenha acesso aos Direitos Humanos Básicos (Nações Unidas, 2013).
- Um mundo em que: Nenhum ser humano deve passar fome, deixar de ter abrigo, água limpa, ou saneamento básico, viver na exclusão social ou econômica, ou viver sem acesso aos serviços básicos de saúde e educação. Esses são os direitos humanos, e formam o alicerce para uma vida com dignidade.

Pedagogia Engajada

Bell Hooks



- *Foi a insistência de Paulo Freire na educação como prática de liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de conscientização em sala de aula.*
- Bell traduz conscientização como consciência e engajamento críticos.
- *Entrei na sala de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos.*
- Pedagogia engajada é a ação pedagógica pautada em uma concepção de educação progressiva e holística. Ela tem ênfase no bem-estar. Significa que os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos.

O que fazer na formação e autoformação de professores?



Necessitamos incentivar professores a serem insubordinados ao se comprometerem a criar ambientes educacionais em que apoiam e potencializam o desenvolvimento de cada criança como um ser viável, vibrante, criativo, moral, responsável, confiante, colaborativo, capaz de amar e que se preocupa com o bem estar e a dignidade de todos à sua volta.

Pedagogia dos sonhos possíveis

Paulo Freire

- *Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança...*
- *A compreensão da história como possibilidade e não determinismo... seria ininteligível sem o sonho assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega.*
- *O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, é sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz.*

Sonho Impossível????



Nosso sonho é possível...



Se sonharmos juntos e construirmos colaborativamente uma educação que priorize a paz, a ética, a solidariedade, o respeito humano, a justiça social, a equidade, a compaixão, a compreensão ao outro...

Obrigada!



celi.espasandin.lope@gmail.com